



## Inteligibilidade fonológica de aprendizes brasileiros de inglês

Neide Cesar Cruz  
UFCG<sup>1</sup>

**Resumo:** Este estudo propõe um modelo fonológico em inteligibilidade para o ensino da pronúncia de aprendizes brasileiros de inglês, baseado nos resultados obtidos em 4 estudos que investigaram a inteligibilidade da pronúncia desses aprendizes para 4 grupos de ouvintes nativos. No primeiro e no terceiro estudo, amostras contendo desvios de pronúncia produzidos por aprendizes brasileiros foram apresentadas para 2 grupos de ouvintes: (1) 25 britânicos, residentes em Birmingham, Inglaterra; e (2) 10 americanos e 2 britânicos, residentes na Paraíba. Os ouvintes foram solicitados a: (1) avaliar o grau de inteligibilidade das amostras em uma escala de 1 (impossível de entender) a 6 (muito fácil de entender); e (2) escrever as amostras. No quarto estudo, 10 amostras produzidas por 5 graduandas de Letras/Inglês foram apresentadas a 7 americanos e 1 britânico, residentes na Paraíba. Os ouvintes foram solicitados a: (1) escrever o que tinham ouvido; e (2) identificar palavra(s) que achassem difícil, muito difícil, ou impossível de entender. O segundo estudo mostra a reação de falantes nativos do inglês residentes na Inglaterra ao ouvirem a palavra 'comfortable' pronunciada com o acento primário na sílaba ta. A coleta de dados ocorreu em lojas de sapatos em 3 cidades da Inglaterra. Com base nos resultados obtidos, sugerimos um modelo fonológico em inteligibilidade, com a seguinte ordem decrescente de prioridades: (1) desvios de acentuação de palavras; (2) desvios resultantes da interferência da grafia; (3) produção inapropriada de consoantes; (4) produção inapropriada de vogais; e (5) inserção de vogais.

**Palavras-chave:** pronúncia, inteligibilidade, aprendizes brasileiros de inglês

**Abstract:** The aim of this study is to propose an intelligibility phonological model to the pronunciation teaching of Brazilian learners, on the basis of 4 studies which investigated the pronunciation intelligibility of Brazilian learners English to 4 different groups of native listeners. In the first and third study, samples containing features of mispronunciation were presented to 2 groups of listeners: (1) 25 british, living in Birmingham, England; and (2) 10 americans and 2 british, living in Paraíba. The listeners were asked to: (1) rate the samples on a 5-point scale 1 (impossible to understand) and 6 (very easy to understand); and (2) write the samples. In the fourth study, 10 samples produced by 5 undergraduate students majoring English were presented to 7 americans and 1 british, living in Paraíba. The listeners were asked to: (1) write what they had heard; and (2) identify the words they had found difficult, very difficult, or impossible to understand. The second study shows the reaction of native speakers to the word 'comfortable' produced with the primary stress on the syllable 'ta' by a Brazilian speaker. On the basis of the results obtained, a phonological model is proposed, with the following descending order of priorities: (1) misplaced word stress; (2) spelling pronunciation; (3) inappropriate consonants; (4) inappropriate vowels; and (5) vowel insertion.

**Keywords:** pronunciation, intelligibility, Brazilian learners of English

---

<sup>1</sup> neidecruz@uol.com.br



## **1. Introdução**

O objetivo deste trabalho é apresentar um modelo fonológico em inteligibilidade, que pretende ser inicial, com base nos resultados obtidos em 4 estudos que investigaram a inteligibilidade da pronúncia de aprendizes brasileiros de inglês para ouvintes nativos. A motivação para propor tal modelo está relacionada à existência de dois modelos fonológicos para a inteligibilidade da pronúncia de aprendizes de Inglês como Língua Estrangeira (ILE), que se refere ao inglês falado entre não-nativos e nativos, e Inglês como Língua Franca (ILF) ou Inglês como Língua Internacional (ILI), que se refere ao inglês usado nas interações entre falantes não-nativos que têm línguas maternas diferentes (HOUSE, 1999, apud SEILDHOFER, 2004). O primeiro modelo é proposto por Jenner (1989), e o segundo por Jenkins (1996; 2000)

Jenner (1989) propõe um modelo fonológico (Common Core) para o ensino da pronúncia, que, segundo o autor, poderá garantir a inteligibilidade da fala desses aprendizes para qualquer ouvinte nativo da língua inglesa. Jenkins (1996; 2000), diferentemente de Jenner (1989), negligencia o falante nativo como interlocutor e ouvinte de aprendizes de inglês, e propõe a descrição da fonologia do inglês internacional através de um modelo fonológico para inteligibilidade, chamado Língua Franca Core (LFC). O modelo é derivado da análise de dados empíricos envolvendo interações entre falantes de ILF.

## **2. Revisão da literatura**

### **2.1 Definição para inteligibilidade**

Várias terminologias e definições para inteligibilidade têm sido sugeridas. Adotamos duas definições, que foram selecionadas de acordo com a metodologia seguida em cada estudo. A primeira delas, proposta por Smith e Nelson (1985, p. 334), inteligibilidade é o “reconhecimento de palavras e elocuições”. Essa definição é adequada à metodologia que adotamos no primeiro, no terceiro e no quarto estudo, uma vez que o contexto situacional em que as amostras foram produzidas não é considerado.

A segunda definição seguida é a de Bamgbose (1998, p. 11), que sugere o termo inteligibilidade, que “compreende uma série de fatores tais como reconhecer uma expressão,



conhecer o seu significado, e identificar o significado dessa expressão em um contexto sociocultural”. Essa definição é adequada à metodologia que adotamos no segundo estudo, já que o contexto situacional em que as amostras foram produzidas é considerado.

## **2.2 Variáveis relacionadas à inteligibilidade**

Inteligibilidade é considerada extremamente difícil de ser medida, devido ao grande número de variáveis que contribuem para facilitá-la ou impedi-la (FIELD, 2003). Estudos empíricos e observações de estudiosos encontradas na literatura incluem discussões dessas variáveis. Abordaremos aqui variáveis relacionadas ao grupo de aprendizes brasileiros de inglês participantes dos estudos, e aos grupos de ouvintes para quem a fala dos aprendizes foi apresentada.

### **2.2.1 Variáveis relacionadas aos aprendizes**

Duas variáveis relacionadas ao grupo de aprendizes foram consideradas. A primeira diz respeito a erros gramaticais, que segundo Tomyama (1980), podem afetar a inteligibilidade da fala de aprendizes de uma língua estrangeira. A segunda variável refere-se a erros no nível lexical, que de acordo com Wang (1987), podem afetar a inteligibilidade de falantes de inglês como segunda língua para ouvintes nativos. Devido a existência dessas variáveis, foi necessário selecionar, da fala dos aprendizes participantes dos quatro estudos, amostras que não contivessem nem erros gramaticais, nem erros no nível lexical.

### **2.2.2 Variáveis relacionadas aos ouvintes**

Variáveis relacionadas aos ouvintes consideradas relevantes incluem: (1) familiaridade com um sotaque estrangeiro em particular (SMITH; BISAZZA, 1982; GASS; VARONIS, 1984;



KENWORTHY, 1987; DERWING; MUNRO, 1997; FIELD, 2003) e (2) experiência com o ensino de línguas e linguística (KENWORTHY, 1987; TENCH, 1991; THOMPSON, 1991). Essas variáveis foram controladas, uma vez que o primeiro estudo envolve ouvintes não familiarizados com o falar em inglês de brasileiros, e o terceiro e quarto ouvintes familiarizados. Apesar de não ter havido controle de variáveis no segundo estudo, a familiaridade dos ouvintes com um sotaque estrangeiro em particular foi evidenciada. A segunda variável, experiência com o ensino de línguas e linguística foi controlada nos estudos.

### 3. Metodologia

#### 3.1 Coleta de dados

No primeiro estudo (CRUZ, 2006), que incluiu ouvintes não familiarizados com a pronúncia de brasileiros, a coleta ocorreu em duas etapas. Na primeira, dez aprendizes brasileiros de inglês, matriculados nos cursos Extracurriculares da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), foram entrevistados por um falante nativo da língua inglesa de origem britânica. Trinta amostras contendo desvios de pronúncia, e não contendo desvios no nível gramatical e lexical, foram apresentadas em um aparelho de CD para o grupo de ouvintes, que participou da segunda etapa da coleta de dados.

A segunda etapa incluiu vinte e cinco ouvintes nativos do inglês, residentes em Birmingham, Inglaterra. Os nativos ouviram cada amostra uma vez, já que inteligibilidade é considerada aqui como sendo a primeira impressão, e foram solicitados a: (1) avaliar o grau de inteligibilidade das amostras em uma escala de 1 a 6, onde 1= impossível de entender e 6 = muito fácil de entender; e (2) transcrever as amostras. Ao final da coleta com esses ouvintes, gravamos uma conversa individual para que ele/ela pudesse oferecer explicações mais detalhadas a respeito da compreensão das amostras. Os dados coletados possibilitaram-nos realizar análise quantitativa e qualitativa.

O segundo estudo (CRUZ, 2005) mostra a reação de falantes nativos do inglês residentes na Inglaterra ao ouvirem a palavra *comfortable* pronunciada com o acento primário



na sílaba *ta* por uma falante brasileira de inglês. A coleta de dados aconteceu em 14 lojas de sapatos localizadas em três cidades da Inglaterra - Birmingham, Londres e Brighton - onde a brasileira tencionava comprar sapatos confortáveis. As interações entre a brasileira e os atendentes foram gravadas e transcritas. Todos os 14 atendentes eram falantes nativos da língua inglesa.

A falante brasileira abordou os atendentes usando uma das três expressões descritas a seguir:

1. Excuse me, I'm looking for some comfortable shoes/trainers
2. Excuse me, are they/these comfortable?
3. Excuse me, which ones/boots are the most comfortable?

Em todas as expressões a palavra *comfortable* foi pronunciada com o acento na sílaba *ta*. Tal palavra, portanto, foi pronunciada das seguintes formas:

˘ [kʌmfə'teɪbou] e ˘ [kʌmfə'teɪbɪ]

No terceiro estudo (CRUZ, 2008), em que participaram ouvintes nativos familiarizados com o falar em inglês de brasileiros, a coleta foi realizada em uma etapa apenas. As amostras produzidas pelos dez aprendizes brasileiros que participaram do primeiro estudo, foram apresentadas a 12 ouvintes nativos do inglês, 10 americanos e 2 britânicos, residentes, no período da coleta de dados, na Paraíba, especificamente em Campina Grande e em João Pessoa.

Assim como com os ouvintes nativos não familiarizados, os doze ouvintes ouviram cada amostra uma vez e foram solicitados a: (1) avaliar o grau de inteligibilidade das amostras em uma escala de 1 a 6, onde 1= impossível de entender e 6 = muito fácil de entender; e (2) transcrever as amostras.

No quarto estudo, que também incluiu ouvintes familiarizados com a pronúncia de brasileiros falantes de inglês, a coleta foi realizada em duas etapas. Participaram da primeira etapa cinco graduandas do curso de Letras da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), habilitação língua inglesa. As graduandas foram solicitadas a falar livremente sobre um tópico. Dez amostras contendo desvios de pronúncia, e não contendo desvios no nível



gramatical e lexicais, foram selecionadas das produções orais das graduandas, e apresentadas em um aparelho de CD a um segundo grupo de ouvintes nativos familiarizados com o falar em inglês de brasileiros, 7 americanos e 1 britânico, residentes, no período da coleta de dados, na Paraíba, especificamente em Campina Grande e em João Pessoa.

Os nativos foram solicitados a ouvir cada amostra uma vez, e a realizar duas tarefas: (1) escrever o que tinham ouvido; e (2) ao serem apresentados à transcrição ortográfica da amostra que tinham ouvido, identificar palavra(s) que tivessem achado *difícil*, *muito difícil*, ou *impossível* de entender. Eles também foram solicitados a explicar, se possível, o motivo pelo qual consideraram a(s) palavra(s) difícil, muito difícil ou impossível de entender.

### 3.2 Desvios de pronúncia

A fim de identificarmos os desvios de pronúncia na fala dos aprendizes brasileiros participantes dos quatro estudos, adotamos como guia os fonemas do inglês que são considerados difíceis para aprendizes brasileiros produzirem, e os sons que esses aprendizes pronunciam devido a essas dificuldades. Esses sons são identificados em quatro estudos - Mascherpe (1970), Lessa (1985), Lieff; Nunes (1993) e Baptista (2001). Com base nesses estudos, os desvios identificados na fala dos aprendizes brasileiros participantes dos quatro estudos que realizamos foram agrupados em cinco categorias: (1) produção inapropriada de consoantes; (2) produção inapropriada de vogais; (3) desvios de acentuação de palavras; (4) inserção de vogal; e (5) desvios resultantes da interferência da grafia. As cinco categorias são apresentadas no primeiro e no terceiro estudo. O segundo estudo apresenta apenas a categoria (3). No quarto estudo, a categoria (5) não é apresentada.

## 4. Resultados

Apresentaremos aqui os resultados qualitativos agrupados em cinco categorias: (1) produção inapropriada de consoantes; (2) produção inapropriada de vogais; (3) desvio de acentuação de palavras; (4) inserção de vogal; e (5) desvios resultantes da interferência da





grafia. Para cada categoria, os resultados serão mostrados, de acordo com os tipos de ouvintes participantes: ouvintes não familiarizados (primeiro estudo) e familiarizados (terceiro e quarto estudo) com o falar em inglês de brasileiros. Os resultados do segundo estudo, onde não há controle de variáveis, serão mostrados apenas na categoria acentuação de palavras, uma vez que esse tipo de desvio é o único investigado.

#### 4.1 Produção inapropriada de consoantes

A maioria dos ouvintes nativos não familiarizados não compreendeu corretamente vocábulos contendo produção inapropriada de consoantes. As consoantes que causaram mais problemas de inteligibilidade são as seguintes:

- (1) A fricativa dental vozeada /ð/ produzida como a oclusiva dental [d̪] em *other* ['ʌd̪ə] foi escrita como *order*; em *it's the* foi compreendida como *instead* e como *this day*;
- (2) A fricativa dental desvozeada /θ/ pronunciada como [f] em combinação com a omissão da nasal velar /ŋ/ e nasalização da vogal anterior em *think* [fĩk] foi compreendida como *fix*.

No terceiro estudo, houve vocábulos contendo esses desvios compreendidos incorretamente pelos ouvintes familiarizados com a pronúncia de brasileiros. Um dos exemplos recorrentes é a fricativa dental vozeada /ð/ produzida como a oclusiva dental [d̪] em *it's the*, que, assim como com os ouvintes não familiarizados, foi compreendida como *instead*.

Poucos ouvintes participantes do quarto estudo compreenderam incorretamente ou consideraram difícil de compreender vocábulos contendo pronúncia inapropriada de consoantes. Uma das produções consideradas difícil de compreender é a nasalização da vogal anterior em *fun*.



#### 4.2 Produção inapropriada de vogais

Os desvios inseridos nesta categoria compreendidos incorretamente pelos ouvintes do primeiro estudo foram os seguintes: (1) a vogal anterior /i:/ pronunciada como [i ] em *meat* [mit], ao invés de [mi:t], escrita como *eat* e *need*; e (2) a vogal central [ɜ:] (RP) e [ɜ] (GA) encontradas em sinais de hesitação *er*, *erm* e *em* produzidas como [ɛ:], foi transcrita como *and*.

Três tipos de desvios foram mal compreendidos no quarto estudo: (1) a vogal posterior /ʊ/ pronunciada como [u] em *cooks* [kuks], compreendida como *called*; (2) a vogal anterior /ɪ/ pronunciada como [i ] em *live* [liv], escrita como *leave* e *used*; (3) a vogal anterior / i/ em posição final produzida como uma vogal reduzida em *many* [mɛn<sup>i</sup>], foi escrita como *main* e *mid*.

A produção da vogal [ɛ] ao invés de /æ /, a vogal anterior / i/ em posição final omitida, as vogais centrais / a:/ e /ʌ/ pronunciadas como [a] e as vogais posteriores /ɔ:/ e /ɒ/ realizadas como [ɔ] não causaram problemas de inteligibilidade para os ouvintes.

#### 4.3 Desvios de acentuação de palavras

Vocábulos contendo desvios de acentuação foram compreendidos incorretamente pela maioria dos ouvintes participantes do primeiro e do terceiro estudo. Dois exemplos são mostrados a seguir:

(1) *interesting* [i'tɛ.ɪəst̪ɪŋ k], compreendido como *thirsty, tasty, touristy*, por ouvintes do primeiro estudo; e como *sick, thirsty* por ouvintes do terceiro estudo;

(2) *vegetables* [vɛʒ'teɪbəʊs] compreendido como *at the tables, with the tails, terrible*, por ouvintes do primeiro estudo; e *the tables*, por ouvintes do terceiro estudo.

No segundo estudo, dos 14 ouvintes participantes das interações, 8 não compreenderam a palavra *comfortable* pronunciada como [kʊmfɪteɪbəʊ] e como





[kʊmfiteib̩]. Duas reações foram



(1) “com what” e (2) “erm are they what?”

No quarto estudo, vocábulos contendo desvios de acentuação foram os mais mal compreendidos pelos ouvintes. Um dos exemplos é *existence* [ˈɛgzɪstəns], transcrito como *instants, suspense*.

#### 4.4 Inserção de vogal

A maioria dos ouvintes participantes do primeiro, do terceiro e do quarto estudo compreendeu corretamente vocábulos contendo inserção das vogais [i], [ɪ] e [ə]. Os números das transcrições corretas e incorretas são apresentados a seguir:

Oito palavras, nos três estudos, apresentam essas três vogais inseridas: (1) [i] em *talk* [tɔʊki], *ekspēsivi*, [ˈɪdi] e [ˈɡifti]; (2) [ɪ] em [ˈwɔʊki] e [bɛstɪ]; e (3) [ə] em [ˈɡreɪtə] e [ˈfudə]. Os vocábulos [ˈɡifti] e [bɛstɪ] ocorrem no quarto estudo; os demais no primeiro e no terceiro. Considerando que 25 ouvintes participaram do primeiro estudo, 12 do terceiro e 8 do quarto, um total de 45 ouvintes nativos participaram dos três estudos, e ofereceram 238 transcrições ortográficas dos vocábulos contendo inserção de vogal: 119 contendo a vogal [i], 45 a vogal [ɪ] e 74 a vogal [ə].

Das 119 transcrições, 63, correspondendo a 53%, estão corretas; dos 45 vocábulos, 42, equivalente a 93% estão transcritos corretamente; e dos 74, 25, referente a 34%, estão corretos. Portanto, das 238 transcrições ortográficas fornecidas pelos ouvintes nativos, 133, correspondendo a 56%, foram escritas corretamente.

A distribuição dos vocábulos compreendidos incorretamente é a seguinte: dos 119 vocábulos com a vogal [i] inserida, 56, equivalente a 47%, estão transcritos incorretamente; dos 45 que contem a vogal [ɪ], 3, igual a 7%, estão incorretos; e dos 74 com a vogal [ə], 49, correspondendo a 66%, estão incorretos. Portanto, das 238 transcrições ortográficas, 105, equivalente a 44% estão incorretas.



Considerando o tipo de vogal inserida, identificamos um maior número de transcrições incorretas, 66%, contendo a vogal [ə], seguida pela vogal [i], 47%, e, finalmente, 7% contendo a vogal [ɪ].

Os ouvintes não familiarizados transcreveram mais incorretamente. Por exemplo: *expensive* [ɛk'spēsiɪvɪ] e *great* ['gɹeɪtə] foram escritos por esses ouvintes como *painfully*, *explain to him*, *explain to me*, *expenses*, e como *greatest* e *grateful* respectivamente. Ouvintes familiarizados, apesar de terem apresentado um número menor de transcrições incorretas, transcreveram *read* ['ɹɪdi] como *read the*, *great* ['gɹeɪtə] como *rated the* e *gift* ['ɡɪftɪ] como *beauty*.

#### 4.5 Desvios resultantes da interferência da grafia

A maioria dos ouvintes nativos não familiarizados não compreendeu corretamente vocábulos contendo interferência da grafia, corroborando, portanto, os resultados quantitativos. Os desvios que causaram problemas de inteligibilidade são os seguintes: (1) o grafema < u > pronunciado como [u] ao invés de /ʊ/ em *production*, compreendido como *pollution*, *producer* e *evolution*, e em *public* [pʌblik] escrito como *poor*; (2) a letra < s > pronunciada como [ɪs] ao invés de [mɪks] em *mixes* foi compreendida como *makes*; e (3) a lateral velar em posição final pronunciada como [u] foi escrita como *keeps you*, *through you*, *versus you*, *of you* e *group*.

A letra < l >, correspondendo a uma consoante muda e pronunciada como [u], e a letra < s > pronunciada como [s] ao invés de [z] não causaram problemas de inteligibilidade para os ouvintes.



## 5. Considerações finais

Com base nos resultados obtidos nos 4 estudos, consideramos que é possível sugerir um modelo fonológico inicial para o ensino da pronúncia, focalizando a inteligibilidade da fala de aprendizes brasileiros de inglês para ouvintes nativos. O modelo, em ordem decrescente de prioridade de aspectos de pronúncia, é o seguinte:

**(1) DESVIOS DE ACENTUAÇÃO DE PALAVRAS:** acentuação na segunda e na terceira sílaba ao invés da primeira; e na primeira ao invés da segunda.

**(2) DESVIOS RESULTANTES DA INTERFERÊNCIA DA GRAFIA:** (2.1) o grafema < u > pronunciado como [u] ao invés de /ʊ/; (2.2) a letra < s > pronunciada como [is] ao invés de [ɪz] e (2.3) a lateral velar em posição final pronunciada como [u].

**(3) PRODUÇÃO INAPROPRIADA DE CONSOANTES:** (3.1) a fricativa dental vozeada /ð/ produzida como a oclusiva dental [d̥]; (3.2) a fricativa dental desvozeada /θ/ pronunciada como [f] em combinação com a omissão da nasal velar /ŋ/ e nasalização da vogal anterior; e (3.3) a fricativa dental desvozeada /θ/ pronunciada como [t].

**(4) PRODUÇÃO INAPROPRIADA DE VOGAIS:** (4.1) as vogais anteriores /i:/ e /ɪ/ pronunciadas como [i]; (4.2) a vogal posterior /ʊ/ pronunciada como [u]; (4.3) a vogal central [ɜ:] (RP) e [ɜ] (GA) encontradas em sinais de hesitação *er*, *erm* e *em* produzidas como [ɛ:]; e (4.4) a vogal anterior /i/ em posição final produzida como uma vogal reduzida [ɪ].

**(5) INSERÇÃO DE VOGAIS:** inserção das vogais [ə], [i] e [ɪ].

Observamos no modelo sugerido que nenhuma das categorias propostas nos quatro estudos é excluída, e que, para cada uma, há as especificações dos aspectos de pronúncia que foram compreendidos incorretamente pelos ouvintes participantes dos estudos.

Reconhecemos as limitações dos quatro estudos que realizamos, principalmente no que se refere aos tipos de desvios identificados. Devido a forma como os dados de fala dos



aprendizes brasileiros foram elicitados, fala espontânea ao invés de leitura, foi impossível controlar os tipos de desvios de pronúncia, e obter um corpus contendo um número mais diversificado de desvios. Devido a isso, e também devido as variáveis envolvidas ao se medir inteligibilidade, o modelo se propõe a ser inicial, e precisa ser testado em outros estudos envolvendo inteligibilidade de pronúncia de aprendizes brasileiros de inglês.

Apesar dessas limitações, consideramos que, com base nos resultados obtidos nos quatro estudos, duas ações podem ser realizadas em sala de aula com alunos que indagam a respeito da inteligibilidade de suas falas. Primeiro, discutir as complexidades envolvidas ao se medir inteligibilidade, particularmente a influência das variáveis relacionadas aos ouvintes. Acreditamos que os alunos devem ter consciência de que ao indagarem sobre a inteligibilidade de suas falas, precisam, primeiro, questionar: inteligível para quem? A discussão da influência dessas variáveis pode auxiliar os alunos a entenderem que as respostas para as suas indagações não são fáceis de serem fornecidas.

Segundo, apresentar com dados empíricos os desvios de pronúncia que afetaram a inteligibilidade da fala dos aprendizes brasileiros participantes dos estudos que realizamos. Acreditamos que esses dados podem ser exemplos concretos de ininteligibilidade de pronúncia, e podem, talvez, servir de alerta para que eles considerem as suas formas de pronunciar com mais cuidado.

## Referências

- BAMGBOSE, Ayo. Torn between the norms: innovations in world Englishes. *World Englishes*, v. 17, n. 1, 1998.
- BAPTISTA, Barbara. Frequent pronunciation errors of Brazilian learners of English. In: FORTKAMP, Mailce; XAVIER, Rosely. *EFL teaching and learning in Brazil: Theory and Practice*. Florianópolis: Insular, 2001.
- CRUZ, Neide Cesar. Familiaridade do ouvinte e inteligibilidade da pronúncia de aprendizes brasileiros de inglês. *Horizontes de Linguística Aplicada*. v. 7, 2008.

\_\_\_\_\_. Pronunciation intelligibility in Brazilian learners' English. *Claritas*, v. 12, n. 1, 2006.



\_\_\_\_\_. The (un)intelligibility of  $\text{ɛ}$  produced by a Brazilian speaker of English.

*Speak out! Newsletter of the IATEFL Pronunciation SIG*, v. 33, 2005.

COOL EDIT [Computer Software] (2000) USA: Syntrillium Corporation.

DERWING, Tracey; MUNRO, Murray. Accent, intelligibility, and comprehensibility. *Studies in Second Language Acquisition*, 19, 1997.

ENSZ, Kathleen. French attitude toward typical speech errors of American speakers of French. *The Modern Language Journal*, v. 66, n. 2, 1982.

FIELD, John. The fuzzy notion of 'intelligibility': A headache for pronunciation teachers and oral testers. *IATEFL Special Interest Groups Newsletter*, Special issue, 2003.

GASS, Susan; VARONIS, Evangeline. The effect of familiarity on the comprehensibility of nonnative speech. *Language Learning*, v. 34, n. 1, 1984.

JENKINS, Jennifer. Changing priorities. *Speak out! Newsletter of the IATEFL Pronunciation SIG*, v. 18, 1996.

\_\_\_\_\_. *Phonology of English as an international language: New models, new norms, new goals*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

JENNER, Bryan. Teaching pronunciation: The common core. *Speak out! Newsletter of the IATEFL Pronunciation SIG*, v. 4, p. 2-4, 1989.

KENWORTHY, Joanne. *Teaching English pronunciation*. London: Longman, 1987.

KOSTER, Cor; KOET, Ton. The evaluation of accent in the English of Dutchmen. *Language Learning*, v. 43, n. 1, 1993.

LESSA, Angela. *A ortografia como um fator de interferência da pronúncia do Inglês como língua estrangeira*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada), PUC-SP, São Paulo, 1985.

LIEFF, Camila; NUNES, Zaina. English pronunciation and the Brazilian learner: How to cope with language transfer. *Speak Out! Newsletter of the IATEFL Pronunciation SIG*, v. 12, 1993.

MASCHERPE, Mario. *Análise comparativa dos sistemas fonológicos do Inglês e do Português*. São Paulo: Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais S.A., 1970.



SEILDHOFER, Barbara. Research perspectives on teaching English as a lingua franca. *Annual Review of Applied Linguistics*, v. 24, 2004.

SILVA, Ricardo. A small scale investigation into the intelligibility of the pronunciation of Brazilian intermediate students. *Speak Out!\_Newsletter of the IATEFL Pronunciation SIG*, v. 23, 1999.

SMITH, Larry; BISAZZA, John. The comprehensibility of three varieties of English for college students in seven countries. *Language Learning*, v. 32, n. 2, 1982.

SMITH, Larry; NELSON, Cecil. International intelligibility of English: directions and resources. *World Englishes*, v. 4, n. 3, 1985.

TENCH, Paul. *Pronunciation skill*. London: Macmillan, 1991.

THOMPSON, Ian. Foreign accents revisited: The English pronunciation of Russian immigrants. *Language Learning*, v. 41, n. 2, 1991.

TOMIYAMA, Machiko. Grammatical errors and communication breakdown. *TESOL Quarterly*, v. 14, n. 1, 1980.

WANG, Yue. The intelligibility of Malaysian English: a study of some features of spoken English produced by University students in Malaysia. Unpublished doctoral dissertation, London: University of London, 1987.